



### **Tradição Oral - Cumeada, concelho da Sertã.**

Registos realizados em abril de 2025, na Bernardia, Cumeada, com Manuel Lopes, a sua filha Maria Helena Lopes Antunes e a neta Carina Alves que partilham memórias do passado rural. A oralidade surge aqui em múltiplas formas: contos de bruxas e lobisomens, adivinhas, anedotas, romances trágicos, serões festivos, cantigas ao desafio e orações populares. Estes relatos misturam crítica social, humor, devoção entre outros temas, ilustrando uma visão do mundo moldada pela experiência rural e comunitária. Também se destacam cantigas de roda e narrativas de infância que nos aproximam da vivência quotidiana de outras épocas.

Link para a página web com vídeos: <https://memoriamedia.pt/index.php/bernardia-tradicao-oral>

Nota: As transcrições que se seguem respeitam a fala original dos entrevistados, mantendo expressões, pausas e formas linguísticas locais. Foram feitas apenas pequenas correções de pontuação onde necessário para a leitura.

A Lenda da Senhora dos Remédios, contada por Manuel Lopes, de 102 anos, natural da Bernardia, um lugar da freguesia da Cumeada, concelho da Sertã. Abril 2025.

As lendas populares são narrativas orais que misturam realidade e fantasia. Transmitidas de geração em geração, procuram explicar acontecimentos extraordinários, muitas vezes associados a lugares sagrados ou à intervenção divina.

A lenda da Senhora dos Remédios, aqui relatada por Manuel Lopes, é um exemplo claro desse tipo de narrativa. Um caçador enfrenta uma serpente ameaçadora e, graças à intervenção milagrosa de Nossa Senhora, salva-se do perigo. A construção de uma capela em sua honra marca simbolicamente esse episódio.

## **A Lenda da Senhora dos Remédios**

Andava a caçar, pois era caçador naquele tempo. Naquele tempo era só matilhas, matos, mato forte.

João Brandão andava a caçar e havia lá uma cobra muito grande. Se apanhasse uma pessoa, era logo vitimada.

Vai-se a ver... ele andava a caçar, e o que é que acontece? Ela apareceu, assim com aqueles olhos, assim [abre muito os olhos].

E a Nossa Senhora apareceu a ele e disse: "Atira e não tremas!"

Como ele andava a caçar, deu-lhe um tiro pelas goelas abaixo e matou a serpente.

Está a ver? Esta foi a verdade. E eu fui lá mais tarde.

Foi à Nossa Senhora dos Remédios que ela apareceu, e agora ela está lá, na capela.

É verdade. Se isso é verdade, é porque realmente havia lá uma serpente.

Era naquele tempo, era só matilhas, só matos, mato forte, e elas (as cobras) queriam andar naqueles grandes matos.

E enfim, ela apareceu-lhe lá. Apareceu assim com a boca aberta, já para se lançar a ele.

Depois, Nossa Senhora falou-lhe e disse-lhe: "Atira!"

(...) E ele deu-lhe um tiro pela boca abaixo.

Na igreja, por fora, está lá um desenho — tem o desenho numa tábua. Pois é.

Mais tarde, eu vi por lá aparecerem... fizeram lá uma capela. Está lá, na igreja.

A Mula Velhaca, contada por Manuel Lopes, de 102 anos, da Bernardia (Cumeada, Sertão). O relato foi recolhido em abril de 2025.

Estas histórias orais misturam vivências reais com exageros ou situações inesperadas. São comuns no meio rural e transmitem experiências marcantes, muitas vezes com humor ou ensinamento.

Nesta história, Manuel Lopes conta como uma mula, assustada com um trator, virou a carroça e quase o matou. Salvou-se por sorte, graças a um homem que apareceu a tempo. É um relato sobre os perigos do trabalho com animais no campo.

## **A Mula Velhaca**

Ali em cima, ao pé daquele casal, havia aí uma mula. Tinha ali uma mula, mas era uma mula esquisita, velhaquita.

E às vezes espantava-se. Eu vi que ela tinha medo dos tratores — já havia tratores para lavrar a terra. Ela via vir um trator, começou assim...

E aquilo lá, havia o ribeiro, e havia a estrada. Eu puxava-a sempre para o lado de fora, do ribeiro.

Vai-se a ver... era tão longe como daqui [ali] abaixo. Vai-se a ver, a filha da puta começou a andar assim, com as patas, pa fugir.

Aquilo é gado que... aquilo perdendo o norte... pois é.

Vai-se a ver, eu vou a puxar assim para a ladeira. Ela dá um estrebuchão — *truz!* — botou-se a carroça e eu fiquei debaixo da carroça, ali (...) Olha, foi Deus que me acudiu.

E ela aos coices, aos coices, deitada, não é? Aquilo é um gado que é velhaco, não é?

E eu metido na carroça... o que é? Apareceu lá um senhor (...) quer ver...

É que no fim foi lá para...

Porque ela matava-me se me apanhasse a cabeça. Aquilo era apertadito, não é? A gente queria-se chegar, mas aquilo...

Se não aparece aquela pessoa, eu não estava aqui.

Porque aquilo é gado que tem muita força. Escamoteava aquilo tudo.

Se passava aquela pata aqui pela cabeça, pronto.

As histórias em que o Diabo aparece são comuns na tradição oral portuguesa. Costumam ser contadas como avisos ou experiências vividas, muitas vezes ligadas à bebida, à noite ou a locais perigosos. Misturam o medo, a moral e o sobrenatural.

Nesta história, Manuel Lopes conta que foi beber com um desconhecido e, já de noite, a voltar para casa, caiu numa valeta num sítio onde já tinham morrido outras pessoas. Acredita que foi o Diabo que o tentou, por causa da aguardente e daquele lugar mal-afamado.

## A Tentação do Diabo

Uma vez fui lá [à taberna] ... à procura de um criado e estava lá um gajo — sei lá [quem era]... Lá bebia-se muita aguardente.

E ao fim depois, disse ele: “Eh pá, vamos aí... anda cá! (...) Vamos aqui beber uma calceta...” Fui para lá. Sabe o que era o copo? Era um púcaro de pez, dos púcaros de pez que havia noutros tempos, cheio de aguardente.

“Eh pá, não posso beber tanto!” E tal, não posso.

“Olha, queres ver que eu bebo? Oh...” [gesto de emborcar o púcaro]. “Agora comes aí sardinhas. Comes aí uma sardinha e eu também como uma.”

E pronto, Ah! Ah!...

Eu fui no burro, (...) Também bebi um copo... Ele fazia-me beber!

Saí de lá, já quente. Já de noite. Vim pela Selada da Lameira, que é lá para cima, para a serra, de noite. Que era para demor vir a pé prá a Sertã.

Ora, eu ia para me meter num caminho onde nunca tinha passado, nem nada. Como é que era a cabeça, hem? (...) Havia ali uma casa, assim de comércio.

“Quê? Você quer ir para a Sertã agora? Está bem, está... você está jeitoso...”

“Eu mando vir um carro para você.”

Havia um fulano, que era o José Antunes da Macieira, que podia ir lá ter. E trouxe-me e eu fui para a Sertã. No fim, depois era para me trazer aqui a casa. Mas eu cheguei à Sertã, digo eu assim:

“Ah, eu vou a pé agora daqui para casa.”

Cheguei ali perto, ali em cima, ao pé da Cumeada. Havia lá uma volta...

Não sei como foi — alguma coisa atirou comigo pá valeta.

E levantar-me? Não era capaz. [riso].

Porque ele disse-me assim:

“Mas se você quiser, eu vou lá levá-lo. Mas você agora, quem o viu atão... e vê agora, você não tem bebida nenhuma...”

Mas a alma do diabo meteu-a. A aguardente... dá a volta. Meteu-se.

Via jeito que não era capaz de me alevantar da valeta.

Ao fim lá me alevantei. E vim a pé da Sertã para cá até ali.

Mas lá, atirou comigo para a valeta. A filha da puta!

Mas lá já tinham morrido duas outras pessoas lá naquela volta, em cima, ao pé... onde se vendem aqueles carros. Há lá uma volta. E é aí, nessa volta.

Mas então era uma volta muito arrematada. E as pessoas vinham de qualquer maneira... e morreram lá duas ou três pessoas.

Digo assim: “É o diabo que me manda aqui tentar!”. [riso]. E quem sabe lá...

Cheguei lá, era muito tarde já. Cheguei lá, atiraram comigo pá valeta, queria levantar-me...

Eu bem me voltava, mas quê... não era capaz.

Bem que é a aguardente, a aguardente... tem (amoras?).

As histórias de trabalho e deslocações sazonais para outras regiões são frequentes na memória oral das populações rurais. Muitas destas narrativas incluem episódios marcantes ligados à vida dura no campo, mas também momentos de convívio, música e criatividade popular.

Neste testemunho, Manuel Lopes recorda as suas idas a pé para Abrantes, de onde seguia de comboio para o Alentejo, em tempo de ceifa. Durante o trabalho, os trabalhadores distraíam-se com cantigas ao desafio — um cantava uma quadra, outro respondia com outra.

## **Cantiga ao Desafio**

“Ia-me daqui para Abrantes a pé. E assim, depois lá de Abrantes, metia-me no comboio para o Alentejo. A temporada da gente era 40 dias lá a cortar trigo. Andava a cortar, a ceifar. Cantava-se para distrair. Um cantava um, outro cantava outro e tal.

Por cima se ceifa o pão,

por baixo fica o restolho.

Oh menina, não namore

com o rapaz que lhe pisca o olho.”

As histórias de bruxas fazem parte de um universo oral presente em todo o país. Misturam experiências pessoais, aviso moral e crença popular em práticas de feitiçaria. Estas narrativas, geralmente passadas à noite ou em locais considerados perigosos, relatam encontros com o sobrenatural, ações maléficas atribuídas a bruxas ou seres diabólicos, e a vulnerabilidade das pessoas perante estas forças.

Nesta história, Manuel Lopes conta dois episódios distintos: no primeiro, um rapaz é apanhado pelas bruxas e arrastado violentamente pelos ares; no segundo, um homem recolhe um gato perdido junto a um ribeiro de má fama, mas ao levá-lo para casa, descobre que o animal é, na verdade, uma bruxa disfarçada.

## **Histórias de Bruxas**

As bruxas? Tá, bem tá!

Olhe, eu tinha... tinha uma irmã (...), namorava um rapaz. E é essa coisa de... vinha aí às vezes à noite, marchava algures de noite, não é?

E as bruxas apanharam-no, levam-no à ponta dos pinheiros. Para baixo e para cima, para cima e para baixo. Tal não é a força do diabo.

Levavam-no à ponta dos pinheiros. É verdade. Andaram-no matando naquela altura, também. Isto, com o diabo ninguém se meta. Com o diabo... mesmo. Mesmo as bruxas fazem mal às pessoas, não é?

Até um fruto, se a gente tiver aí... um fruto ou um bocado de couve, um repolho ou coisa assim (...). Aquela gente tem aquela coisa... um fulano come aquilo e fica também atordoado. Fica também atordoado.

Aquilo... Deus me livre home.

Olhe uma vez, ... havia um senhor que também andava a namorar uma mulher. E enfim, depois, passava lá num ribeiro.

E aquele ribeiro também tinha má fama, não é?

Passou lá no ribeiro e estava lá um gato a miar. Um gato assim, a miar:

Miau, miau... miauuu.

E enfim, depois ele teve pena do gato. Teve pena do gato, e levou o gato para casa.

E o gato ia bem descansadinho para casa. Ao fim, depois, (...) o gato estava frio, tinha aquecido o gato.

E ele atirou um pulo, foi para uma janela:

“CuCuu, bem que eu te levo no mê cú!”

E ela passou-se — a bruxa.

“CuCuu, bem que eu te levo no mê cú!”

Levou-o assim no braço, coitadinho, coitadinho. Chegou a casa aqueceu:

“CuCuu, bem que eu te levo no mê cú!”

Cantiga contada por Manuel Lopes, de 102 anos, natural da Bernardia, lugar da freguesia da Cumeada, concelho da Sertã. Registada em abril de 2025.

Cantigas da tradição oral popular. Nesta, um rapaz vai para a guerra e despede-se da Laurindinha. Há tristeza, mas também esperança de ele voltar e casar.

### **Ó Laurindinha, vem à janela.**

Ó Laurindinha, vem à janela.

Ó Laurindinha, vem à janela.

Ver o teu amor — ai ai ai — que ele vai para a guerra.

Ver o teu amor — ai ai ai — que ele vai para a guerra.

Ele vai para a guerra. Deixá-lo ir.

Ele vai para a guerra. Deixá-lo ir.

Ele é rapaz novo — ai ai ai — ele torna a vir.

Ele é rapaz novo — ai ai ai — ele torna a vir.

Ele torna a vir, se Deus quiser.

Ele torna a vir, se Deus quiser.

Ainda vem a tempo — ai ai ai — de arranjar mulher.

Ainda vem a tempo — ai ai ai — de arranjar mulher.

Contada por Manuel Lopes, 102 anos, da Bernardia (Cumeada, Sertã), em abril de 2025.  
Estas orações fazem parte da tradição oral popular. São rezas simples, usadas para proteção e descanso, muitas vezes ditas antes de dormir.  
Nestas orações, invoca-se Cristo para proteção e entrega-se a alma ao Menino Jesus, confiando na cruz e nos cravos como símbolos de salvação.

### **Oração a Cristo**

Cristo reina.  
Cristo vence.  
Cristo ministre.  
Cristo me defenda de todo o mal.  
Amo Jesus.

### **Oração ao Menino Jesus**

Nesta cama me deito  
para dormir e descansar.  
Se a morte vier e me quiser levar,  
encosto-me aos cravos,  
abraço-me à cruz  
e entrego a minha alma  
ao Menino Jesus.

Contada por Manuel Lopes, 102 anos, da Bernardia (Cumeada, Sertã). Registo feito em abril de 2025.

Manuel Lopes recorda o tempo em que trabalhava na extração da resina, nos pinhais da região, quando ele e os colegas, perante o perigo das trovoadas, rezavam uma oração dirigida a São Sebastião. Essa oração era vista como um meio de proteção contra os raios.

### **Oração de S. Sebastião/ S. Gregório.**

“Andava na resina. Eu andava lá acima e acabava para ali. Andava de pinheiro em pinheiro. Andávamos a fazer feridas para preparar a resina. Hoje já não há nada disso. Acabou tudo.

Vieram mulheres para apanhar a resina também. As mulheres também apanhavam resina.

Quando a gente andava a trabalhar, a renovar pinhal, vinha uma trovoada muito forte. E a gente, rezando aquela oração, andava livre. Podia vir um raio e matar a gente, naquela altura.”

### **Oração**

São Sebastião tão sagrado mal lavrou  
Sapatinho de ouro calcou  
Sapatinho de prata tomou  
Por seu caminho foi andando  
E encontrou a Nossa Senhora.

Para onde vais ó S. Gregório  
Para derramar as trovoadas onde elas andam armadas?

Vai e vem, faz o bem,  
Onde não haja pão nem vinho, nem a cabeça de um rosmaninho,  
Nem boi errado, nem menino abafado, nem cordeiro na cruz,  
Salvai a minha alma, Bendito o nome de Jesus!

(Deve-se pedir a S. Sebastião que nos livre da fome, peste, guerras, nascidas, encobertas e males apegadiços)

Contada por Maria Helena Antunes, da Bernardia, freguesia da Cumeada, concelho da Sertã, em abril de 2025.

As artes de cura tradicionais fazem parte da sabedoria popular. Ensinadas de geração em geração, envolvem orações, remédios caseiros e crenças antigas sobre determinadas doenças.

Maria Helena Antunes conta como se tratava o “Cobrão”, uma peçonha que andava pelo corpo em linha contínua. Fazia-se uma oração e passava-se óleo de trigo queimado, tirado da forja. O mais importante era não deixar que a “cabeça” da peçonha se juntasse ao “rabo”.

## **Oração contra o Cobrão**

Esta é do Cobrão.

Passo a passo,  
cobra e cobro:  
cabeça, rabo e corpo todo.  
Cabeça, que não cresças.  
Rabo, que não enverdeças.  
E que não juntes o rabo com a cabeça.

Queimava-se aquele trigo e era, com aquele óleo de trigo, é que se passava no Cobrão.

Ia-se à forja, e aquilo larga um óleo amarelo.

Então esfregava-se. Eu acho que era — era isso que se fazia.

E o Cobrão, por exemplo, começa aqui e vai indo, vai indo, anda em toda a volta.

Não salta de um lado para o outro do corpo.

Por acaso estive com a Fátima, e havia lá uma senhora que tinha num braço e noutra.

Não, isso não é Cobrão, porque o Cobrão corre, corre a direito — não salta de um braço, de uma perna para a outra.

E pronto.

O que não se pode é deixar juntar [a cabeça com o rabo].

Querem dizer que é um bicho qualquer que passa.

Contada por Maria Helena Antunes, da Bernardia, freguesia da Cumeada, concelho da Sertã, em abril de 2025.

A oração "Cruz na Fonte" invoca a cruz e o nome de Jesus como proteção contra o mal e o demónio, evocando simultaneamente elementos simbólicos como o galo preto e os anjos. É uma oração dita em momentos de aflição, medo ou quando se sente uma presença negativa, como forma de afastamento espiritual.

## **Oração**

Cruz na fonte,  
Cruz no monte,  
Que nunca o diabo se me encontre,  
Nem de noite, nem de dia,  
nem ao pino do meio-dia.  
Já os galos pretos cantam,  
já os anjos se levantam,  
Já Jesus subiu à cruz,  
Santíssimo nome de Jesus.

E este também é dele, e ele também a sabe. E agora lembrou-se [referindo-se ao pai, Manuel Lopes].

Contada por Maria Helena Antunes, da Bernardia, freguesia da Cumeada, concelho da Sertã, em abril de 2025.

Estas orações da Semana Santa são fórmulas religiosas transmitidas oralmente, muitas vezes em forma de versos, e recitadas em família ou em grupo durante os dias sagrados da Paixão de Cristo.

Neste caso, Maria Helena Antunes recorda a oração que dizia com os pais e irmãos, todos os dias da Semana Santa. O texto segue os passos de Jesus até à cruz, evocando o sofrimento, a dor de Maria e a promessa de salvação para quem a rezar nesses dias.

“Nós dizíamos esta oração durante a Semana Santa — quarta, quinta, sexta, sábado e domingo. Dizíamos todos os dias esta oração, pronto, em conjunto: meus pais, meus irmãos”.

## Oração

Quinta-feira de Endoenças, sua santa divindade,  
que correu toda a cidade com grande peso na cruz.  
O caminho dava luz, as pedras se enquebrantavam.  
O sol se escurecia, o Filho de Deus morria,  
morria para nos salvar dentro de Jerusalém.

Mas não quereis crer.

Subi aquele outeiro, vereis as ruas regadas do seu sangue verdadeiro.

Amarrado à coluna, amarrado ao cordeiro.

Passou a mãe sua, que por ele perguntais:

— Esse homem que buscais. Ele se chama Jesus.

Jesus está na cruz com três cravos encravados.

São João está ao lado, amarrado (?), trespassado.

Ó Virgem, com tanta dor ao meu Deus, o meu Senhor,  
que as costas levais abertas do madeiro tão pesado,  
que vos quiseram levar os judeus tão malvados.

— Ajudai-me aqui, Simão, filho de meu coração.

— Sim, Senhor, ajudarei a levar a cruz a Cristo, Jesus.

Sinto mil dores, cabeça sagrada, coroado de espinhos,  
toda atravessada de juncos marinhos,  
a carne pisada, o sangue escorrendo.

E assim como vai, assim nos vai dizendo:

— Sim, nos salvaremos. Salvai-nos, Jesus, aos pés da Bela Cruz, para sempre. Amém, Jesus.

E estando-se na seia, a fazer a oração,  
Madalena chegou aqui, a mãe de São João.

— Mãe, que fazeis aqui?

— Vosso filho vai ali.

Voltei à janela, não o conheci.

Até que voltei, de passo em passo, de rua em rua,  
de estar o cordeiro amarrado à coluna.  
Amor de minha alma, sem culpa nenhuma.

Quem esta oração disser —  
Quarta-feira de trevas,  
Quinta-feira de Endoenças,  
Sexta-feira de Paixão,  
Sábado de Aleluia  
e Domingo de Ressurreição —

nem a sua alma terá perigo,  
nem a sua geração.

Contada por Manuel Lopes, de 102 anos, natural da Bernardia (Cumeada, Sertão), em abril de 2025.

Este tipo de oração é comum em meios rurais e liga-se à religiosidade popular. Costuma ser dita antes de uma viagem ou tarefa arriscada, pedindo proteção divina.

Neste caso, é uma oração curta, recitada antes de partir à estrada, pedindo a Deus, Jesus, Maria e Nossa Senhora uma viagem segura.

Vou na estrada, por exemplo... também sei uma oração que é:

### **Oração**

Santa Cruz e Deus diante,  
Que a gente não tema de nada,  
Jesus e Maria vá com a gente, mais a vista Sagrada,  
Nossa Senhora nos acompanhe sempre,  
na jornada.

Uma boa viagem.  
Para ter uma boa viagem, pois é.

Contada por Manuel Lopes, 102 anos, natural da Bernardia, lugar da freguesia da Cumeada, concelho da Sertã. História recolhida em abril de 2025.

Manuel Lopes recorda a oração que, em tempos passados, se dizia quando não era possível ir à missa. Através destas palavras, os fiéis afirmavam a sua intenção e devoção, acreditando que, mesmo à distância, podiam ser considerados participantes do ritual, como os que estavam presentes fisicamente.

“Para quando não íamos à missa, dizíamos:

### **Oração**

“Já os sinos tocam para a missa.

Ó meu Deus, Salvador!

Antes do cálice e da hóstia,

está o corpo do Senhor.

E o Menino Jesus ponha a sua mão,

que eu tenha aquela missa,

como aqueles que lá vão.”

Oração foi partilhada por Manuel Lopes, de 102 anos, natural da Bernardia, lugar da freguesia da Cumeada, concelho da Sertã, em abril de 2025.

As fórmulas religiosas como esta circulam oralmente nas comunidades rurais, sendo rezadas em momentos de fé ou ensinadas às crianças. Esta é uma curta oração à Virgem Maria, pedindo proteção, juízo e preparação espiritual para receber os sacramentos.

### **Oração**

“Salve Rainha pequenina,  
a rosa não tem espinha,  
cravo de amor,  
Mãe de Deus, Nosso Senhor.  
Dai-me o juízo e o entendimento,  
para eu receber os Sacramentos do Senhor”

Cantada por Manuel Lopes (102 anos), Maria Helena Antunes (filha) e Carina Alves (neta), todos da Bernardia, lugar da freguesia da Cumeada, concelho da Sertã. O registo foi realizado em abril de 2025.

A cantiga “Santana” é um hino a esta localidade, exaltando a luz, o calor, os elementos simbólicos do adro (como o relógio e o chafariz), bem como o carácter das suas gentes — hospitaleiras, trabalhadoras e sorridentes. A canção percorre simbolicamente o território (de Vaquinhas à Cardiga) e afirma com orgulho a identidade da aldeia no contexto do concelho da Sertã e do centro de Portugal.

## **Cantiga de Santana**

Minha terra é Santana, cheia de luz e calor.  
Minha terra é Santana, cheia de luz e calor.  
É a terra onde eu moro, onde eu tenho o meu amor.  
É a terra onde eu moro, onde eu tenho o meu amor.

Há no adro de Santana duas pedras que dão graça.  
Há no adro de Santana duas coisas que dão graça:  
é o relógio na torre e o chafariz na praça.  
É o relógio na torre e o chafariz na praça.

Há no adro de Santana duas coisas bem assentes.  
Há no adro de Santana duas pedras bem assentes:  
uma é dos namorados, outra é dos padecentes.  
Uma é dos namorados, outra é dos padecentes.

De Vaquinhas à Cardiga é terra de boa gente.  
De Vaquinhas à Cardiga é terra de boa,  
hospitaleira e risonha. No trabalho é valente.  
Hospitaleira, risonha. No trabalho é valente.

Viva, viva a nossa aldeia! Não há outra assim igual.  
Viva e viva a nossa aldeia! Não há outra assim igual.  
No concelho da Sertã, no centro de Portugal.  
No concelho da Sertã, no centro de Portugal.

Contada por Manuel Lopes, 102 anos, da Bernardia (Cumeada, Sertão)  
Abril de 2025.

As histórias de lobisomens e criaturas sobrenaturais fazem parte do imaginário tradicional rural. Eram geralmente contadas ao serão e refletem o medo do desconhecido, o poder das forças ocultas e a fronteira entre o humano e o sobrenatural. Nelas, as ruas escuras, os lobos, burros, o diabo ou homens amaldiçoados dão forma a figuras assustadoras e inexplicáveis.

Esta narrativa relata a passagem frequente de um "labrisomem" pelas ruas da localidade. Descrito como uma figura que se movia rapidamente, com força violenta, e que ninguém conseguia ver com clareza, como o vento. Era tido como um homem possuído pelo diabo, que se movia muito rapidamente e assustava quem ousasse cruzar-lhe o caminho.

### **História do Labrisomem**

“Nessa altura, dizia-se que passava aqui um labrisomem, aqui por estas ruas abaixo, a uma certa hora... uma certa hora — não era sempre.

Passava aí: Uuhhhhhh [exemplifica o barulho que fazia].

Se ele apanhasse uma pessoa, aquilo... varria-a também. Também.

Parecia que era um carro: Uuhhhhhh [exemplifica o barulho que fazia].

Por ali abaixo. Corria essas ruas.

Naquele tempo havia labrisomes. Agora... parece...

E aquilo... aquilo não se vê.

Oh, aquilo...aquilo é... bem, eu nunca vi.

(...) Alguém podia ver, mas eu nunca vi.

Mas passava aqui. Era o Diabo que passava por essa rua abaixo. Pois é.

Era coisa de homem.

As bruxas, essas, não faziam aquela coisa.

Aquilo era labrisome ia com o Diabo. Aquilo anda com o Diabo. Pois é

Como é que ele era? Aquilo passava devagar? Ah ah ah

Aquilo era como o vento. Está bem, está...

E ele esperava? Aquilo passa de repente e ninguém vê nada...”

**Tradição Oral  
Sertã**

**Participantes**

Manuel Lopes  
Maria Helena Lopes Antunes  
Carina Alves

**Produção**

Câmara Municipal da Sertã  
Carlos Miranda, Presidente da Câmara Municipal  
Biblioteca Municipal Padre Manuel Antunes  
Ana Sofia Marçal  
Memória Imaterial

**Assistência à produção**

Biblioteca Municipal Padre Manuel Antunes  
Maria Amaro

**Imagem, som e montagem**

Memória Imaterial  
José Barbieri  
Filomena Sousa

**Fotografia**

Memória Imaterial

**Entrevista**

Filomena Sousa

2025